



HOMENAGEM AOS ASSOCIADOS DA CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO

ORADORES – BREVÍSSIMO CURRÍCULO

PRIMEIRO PAINEL

Jorge Querido

Nasceu na vila de Assomada em Santiago de Cabo Verde. Foi ativista e dirigente na CEI e coordenador da Secção do PAIGC enquanto estudante em Portugal (1959-1968). Após a independência do seu país, foi deputado à Assembleia Nacional de Cabo Verde durante um mandato. Graduiu-se em Engenharia pelo IST em Lisboa, e aprofundou a sua formação em vários países como Estados Unidos, França, Bélgica, Espanha, China e Portugal.

Publicou um livro de carácter memorialista:

Subsídios para a História da Nossa Luta de Libertação - Edições Veja, Lisboa 1989; e outro de carácter histórico e político: *Um Demorado Olhar sobre Cabo Verde* - Lisboa, Chiado Editora 2011.

Luandino Vieira

Escritor angolano nascido em 1935, empenhado desde os anos 50 na luta anti-colonial, foi preso em 1959 (Processo dos 50) e de novo em 1961, acusado de atividade subversiva que o condenou a 14 anos de prisão, desterrando-o para o Campo do Tarrafal com outros nacionalistas (António Jacinto, António Cardoso). Libertado em 1972, foi-lhe imposta residência fixa em Lisboa, onde se encontrava em 25 de Abril de 1974. Regressou então a Angola, onde desempenhou vários cargos na nova República Popular: dirigiu a TPA entre 1975-1978, o Departamento de Orientação Revolucionária do MPLA, de 1975-1979 e o Instituto Angolano de Cinema entre 1979-1984. É membro fundador da União de Escritores Angolanos, tendo sido seu secretário até 1985.

Desde muito novo esteve ligado aos círculos literários de Luanda através das revistas *Mensagem* e *Cultura II*, onde publicou os seus primeiros textos. Autor de vasta obra de ficção, cuja temática social e política, profundamente ancorada na sociedade luandense, captou de forma única a partir da vivência dos habitantes dos bairros populares.

Entre dezenas de obras publicadas, refira-se as mais difundidas:

A Cidade e a Infância, editada pela CEI (1960); *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*, (1961); *Luuanda* (1963), premiada em Luanda e pela Sociedade Portuguesa de Escritores em Lisboa, o que deu lugar a que esta, após a atribuição do prémio, tivesse sido devassada e particularmente destruída a mando do regime anterior; *No Antigamente na Vida* (1974); *Nós os do Makulusu* (1975), etc





HOMENAGEM AOS ASSOCIADOS DA CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO

Manuel Rui Monteiro

Natural do Huambo, estudou Direito em Coimbra de 1958-1969. Foi membro da CEI até ao seu encerramento. Iniciou a atividade literária na revista Vértice e foi colaborador do Centro de Estudos Literários da AAC. Exercia advocacia quando eclodiu o 25 de Abril. Foi então um dos fundadores da Casa dos Estudantes das Colónias em Coimbra. Regressou depois a Angola, tendo exercido cargos na nova República Popular de Angola, tal como o de Ministro da Informação, e teve funções políticas no MPLA.

Foi representante de Angola na OUA e na ONU. Foi professor universitário e diretor da Faculdade de Letras do Lubango, membro fundador da União de Escritores Angolanos e da União dos Artistas e Compositores Angolanos. São da sua autoria a letra do Hino Nacional de Angola e de outros hinos, bem como vários poemas musicados como, por exemplo, *Os Meninos do Huambo*. Escreveu ainda romance, contos e peças de teatro, entre os quais se contam *Sim, Camarada; Quem me dera ser Onda; Crónica de um Mujimbu; Rio Seco; A Casa do Rio*, entre outros.

Pires Laranjeira

Professor da Faculdade de Letras da UC, doutorado em Literaturas Africanas desde 1994, sendo também docente dos Cursos de Mestrado e Doutoramento em literaturas de língua portuguesa.

Lecionou em várias universidades no Brasil, Espanha, China e França. Tem orientado numerosos trabalhos de pesquisa científica nas áreas da sua especialização. Publicou centenas de textos científicos, culturais e jornalísticos, e participou em reuniões científicas e culturais em variados países da Europa, África e Américas. São conhecidos os seus artigos de crítica literária em jornais de Luanda e Lisboa, sendo também responsável pela direção de coleções de ensaios sobre literaturas e culturas africanas.

Entre as publicações que mais diretamente dizem respeito ao tema que aqui nos traz, a CEI e os seus escritores, contam-se várias obras que escreveu, nomeadamente *Literatura Calibanesca* (1987), *De Letra em Riste* (1992), *A Negritude Africana de Língua Portuguesa* (1995), *Literaturas Africanas de Língua Portuguesa* (1995), o mais recente, *A Noção de Ser e Escolha de Textos sobre a Poesia de Agostinho Neto* (2014).

Chama-se em particular a atenção para *Uma Casa de Mensagens Anti-Imperiais*, o Prefácio da sua autoria à edição em 2 vols. de *MENSAGEM* da CEI, da responsabilidade de Manuel Ferreira e Orlanda Amarílis, publicados em 1996.





HOMENAGEM AOS ASSOCIADOS DA CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO

Maria Eugénia Neto

Viúva do 1º Presidente da República Popular de Angola, Agostinho Neto. Actual Presidente da Fundação António Agostinho Neto – FAAN, cuja ação se desenvolve em torno da difusão da obra literária e política do escritor, “promovendo atividades para melhorar o bem estar e a condição dos angolanos” www.faan.ao. Em 2011, foi distinguida com o Prémio Nacional de Cultura e Artes pelas suas obras literárias, sendo autora de vários títulos de literatura infantil – *E na Floresta os Bichos falaram* (1977), *Foi Esperança e foi Certeza* (1976) e *O soar dos Quissanges* (2000).

Acompanhou o seu marido na luta em prol da independência de Angola, servindo de elo de ligação com amigos e camaradas da Casa dos Estudantes do Império no período que Agostinho Neto passou na prisão em Portugal, tendo-o acompanhado sempre, inclusivé no exílio e na sua morte.

Manuel Alegre

Político, poeta e escritor português, estudou Direito em Coimbra, onde conviveu com estudantes africanos que vieram a desempenhar um papel de relevo na cultura e na política dos países de que eram originários. Foi ativo dirigente da AAC, sendo um apoiante da candidatura de Humberto Delgado, fundador do CITAC e membro do TEUC e também jornalista nas revistas Vértice e Via Latina. Desenvolveu acção política anti-ditadura e contra a guerra colonial, pelo que foi deportado para os Açores para cumprir serviço militar em 1961. Mobilizado para Angola em 1962, tenta uma revolta militar, sendo preso pela PIDE em Luanda em 1963. Na cadeia conhece os escritores Luandino, António Jacinto e António Cardoso.

De Coimbra parte para o exílio em Argel em 1964, onde se torna dirigente da FPLN e voz da Emissora Voz da Liberdade até ao 25 de Abril. Publicou livros de poesia onde exprimiu a luta política em que esteve engajado desde os anos 60: *Praça da Canção* (1965) e *O Canto e as Armas* (1967), apreendidos pela PIDE. Poemas seus foram cantados por Zeca Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Manuel Freire e Luís Cília, tornando-se emblemáticos na luta pela liberdade.

Dirigente histórico do Partido Socialista, desenvolveu grande atividade política como deputado entre 1975 e 2002, como Vice-Presidente da Assembleia da República e como membro do Conselho de Estado. Foi candidato independente à Presidência da República em 2006. Ao fim de 34 anos, deixou o lugar de deputado da Assembleia em 2009.





HOMENAGEM AOS ASSOCIADOS DA CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO

SEGUNDO PAINEL

Luís Monteiro da Fonseca

Nasceu em 1944, na ilha de Sto Antão em Cabo Verde. É diplomata desde 1986, tendo exercido o cargo de Secretário Executivo na CPLP entre 2004 e 2008. Como embaixador de Cabo Verde foi representante na ONU, em Viena, Moscovo e Haia, junto da Comunidade Europeia. Entre 1975 e 1986, exerceu funções diretivas no Partido Africano da Independência de Cabo Verde, tendo sido eleito deputado à Assembleia Nacional Popular de Cabo Verde em 1975, 1980 e 1985.

Membro do PAIGC na clandestinidade, participou na luta pela independência de Cabo Verde tendo, durante a sua juventude, passado vários anos na prisão, nomeadamente no Campo do Tarrafal, onde conheceu então outros jovens do mudo de língua portuguesa que, como ele, se encontravam presos, acompanhando na prisão a atividade da Casa dos Estudantes do Império e, sobretudo, dos associados desta que marcariam mais tarde a cultura e a política dos territórios de que eram originários.

Foi recentemente responsável pela coordenação e fiscalização internacional das eleições em S. Tomé e Príncipe.

Óscar Monteiro

Natural de Moçambique, frequentou Direito em Coimbra, tendo sido sócio ativo e dirigente da CEI.

Saiu de Portugal em 1963, na sequência de buscas pela PIDE por suspeita de atividade clandestina, e foi no exterior um dos primeiros membros da FRELIMO.

Desempenhou cargos políticos na República Popular de Moçambique, como o de Ministro da Presidência no tempo da Presidência de Samora Machel, etc.

É autor de um recente livro de memórias intitulado *De Todos se faz um País*, onde relata o seu percurso político e o de Moçambique na primeira fase da sua independência, referindo-se, com rigor e abundância, ao período em que estudou em Lisboa e ao papel da Casa dos Estudantes do Império na sua formação.





HOMENAGEM AOS ASSOCIADOS DA CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO

Pepetela

Natural de Benguela (Angola), foi sócio da CEI durante a sua permanência em Lisboa como estudante do IST e da Faculdade de Letras. Em 1962 saiu de Portugal em direção a Paris e depois de breve estadia, instalou-se com outros companheiros em Argel, onde constituíram o Centro de Estudos Africanos, e redigiram a *Primeira História de Angola* que serviu para a formação dos militantes nacionalistas do MPLA.

Logo após a independência, foi membro do primeiro governo de Angola com a pasta da Educação.

A sua obra *A geração da Utopia* é um relato romanceado da generosidade que os jovens associados da Casa dos Estudantes do Império colocaram na defesa da independência dos territórios colonizados de onde eram originários.

Escritor internacionalmente consagrado, e traduzido em muitas línguas, foi Prémio Camões, um dos mais prestigiados de Portugal.

António de Almeida Santos

Advogado, jurista e político português, formou-se em Direito em Coimbra nos anos 40, tendo sido desde jovem militante cívico contra a ditadura e o colonialismo. Praticava esta militância com a atividade na Associação Académica, tendo sido ainda uma referência do fado de Coimbra, cantando ainda hoje em tertúlias de amigos.

Após uma ida a Moçambique com a Tuna Académica, acabou por passar a residir nesta ex-colónia portuguesa de 1953 a 1974, distinguindo-se como um advogado opositor também de referência.

Foi membro do Grupo de Democratas de Moçambique e, logo após a Revolução de Abril em Portugal, passa a fazer parte dos governos provisórios e, ulteriormente, de vários governos constitucionais em várias pastas – da Coordenação Territorial, da Comunicação Social, da Justiça e dos Assuntos Parlamentares.

Dirigente do PS, foi deputado, Presidente do Partido e Presidente da Assembleia da República de 1995 a 2002. É membro do Conselho de Estado desde 1985.

Nos últimos anos, face à incerteza da marcha do Mundo e à crise de valores, tem publicado obras inquietantes sobre os caminhos a seguir, que são também referência para a generalidade dos leitores em português.

